

As mulheres: modelo de seguimento no movimento de Jesus e na Igreja

[Women: Model tracking the movement of Jesus and the Church]

Ivoni Richter Reimer e Carolina Bezerra de Souza *

Resumo: A pertença de mulheres ao movimento de Jesus dificilmente pode ser contestada, mas precisa ser compreendida a partir da caracterização do movimento de Jesus como um movimento itinerante que recrutou seus adeptos do estrato inferior empobrecido da sociedade em que as experiências carismáticas eram frequentes. E considerando também que a sociedade do século primeiro, na região da Galileia ou Síria, tinha um padrão androcêntrico e patriarcal, que exercia dominação sobre a mulher relegando-a à condição de profanas. Numa leitura pouco atenta do Evangelho de Marcos, aparentemente, esse padrão patriarcal é mantido. Porém, ao buscar visibilizar o papel das mulheres no texto, percebe-se que elas não eram associadas a papéis tradicionais e também que elas apresentam caracterizações positivas, como exemplos de seguimento através da fé, perseverança e diaconia. Elas são tidas como exemplos de discípulos(as) em contraposição com os doze e com lideranças judaicas e romanas. O papel das mulheres na narrativa evolui ao lado da concepção da ética do serviço-diaconia, culminando com sua presença nas cenas da cruz e da ressurreição. O evangelho apresenta Jesus curando e ensinando mulheres, o que intervém na vida delas em termos de relações familiares, étnicas, econômicas e sociais, retirando-as, assim, de um contexto de doença, opressão e exclusão e ressignificando suas vidas ao conferir-lhes um papel comunitário-social em desacordo com o padrão androcêntrico e patriarcal.

Palavras-chave: mulheres, Evangelho de Marcos, seguimento, serviço.

Aspectos introdutórios

O Evangelho de Marcos apresenta antigas memórias acerca do movimento de Jesus. Nele, o ministério de Jesus está intrinsecamente vinculado com o ministério de João Batista e com o batismo por ele efetivado no rio Jordão. Com o batismo e a

* Ivone Richter é Doutora em Teologia/Filosofia, pós-doutora em Ciências Humanas, professora na PUC Goiás, bolsista de produtividade em pesquisa CNPq, coordenadora do Núcleo de Pesquisa e Estudos da Religião (PUC Goiás). Email: ivonirr@gmail.com. Carolina Bezerra é Mestranda em Ciências da Religião (PUC Goiás), bolsista da FAPEG. Email: carolbsouza@gmail.com

epifania ocorrida nessa ocasião, inicia-se a missão de “Jesus Cristo, o Filho de Deus” (Mc 1,1). Toda a atividade de Jesus demonstrará no que consiste esta filiação e esta messianidade. Para o evangelho Marcos, importa mostrar que o batismo e a epifania alavancam e legitimam esta missão de Jesus: a atividade de anúncio do Reino e da necessidade/possibilidade da conversão, o ensino e a interpretação da Torá, dos costumes e tradições, a *praxis* da cura e a restauração da vida em dignidade, a acolhida de pessoas marginalizadas, a denúncia de sistemas e estruturas de exploração e dominação político-social e econômico-religiosa e o anúncio de que, após os sofrimentos, as torturas e a morte, haverá um novo dia, uma nova vida: ressurreição e recomeço!

Neste artigo, interessa-nos destacar passagens que oferecem informações acerca de mulheres que participaram do movimento de Jesus, que é considerado um movimento de renovação intrajudaico.¹ Isso será feito a partir de uma releitura do texto de Marcos em busca de uma melhor percepção da visão que essa comunidade cristã originária tinha acerca da participação e da função de mulheres na formação, organização e expansão da comunidade.

Posição Social das Mulheres no Movimento de Jesus

A sociedade do século I, nas regiões da Galileia e Síria, tinha um padrão androcêntrico e patriarcal, que exercia dominação também sobre mulheres, relegando-as, majoritariamente, à condição de marginalizadas e oprimidas dentro das tessituras daquele contexto. Contudo, importa também perceber e frisar que havia mulheres e grupos que se opunham às dinâmicas patriquiriarcas² de dominação, transgredindo as normas, leis e costumes estabelecidos e construindo outras possibilidades de viver pessoal e comunitariamente. Mencione-se, por exemplo, mulheres de classes mais elevadas que abandonavam tudo para seguir mestres filósofos em movimentos socioculturais de questionamento das estruturas existentes.³ Além disso, também é

¹ Maiores detalhes e informações a este respeito, ver Richter Reimer (2012a, p. 17ss.; 2012b) e Stegemann e Stegemann (2004).

² Elaboração e conceituação de patriquiriarcado, ver Schüssler Fiorenza (2009).

³ Ver a este respeito os grupos filosóficos estoicos e epicureus, que elaboravam outras formas de conviver, nas quais mulheres e pessoas escravas tinham uma posição mais igualitária. Algumas informações podem ser encontradas nos dois volumes de Köster (2005) e Stegemann e Stegemann

importante considerar que mulheres das classes mais baixas eram ativas em seu mundo no contexto familiar, de produção e de comercialização dos produtos manufaturados. Nessas atividades, elas viajavam em grupos, como era comum na época, e também participavam dos *collegia*, uma forma de cooperativas/corporações em que se reuniam pessoas por questões de organização profissional, nas quais também celebravam sua fé.⁴ Era nesses contextos que elas se articulavam também politicamente, participando da formação, organização e liderança dessas instituições que também sofriam controle e vigilância por parte dos funcionários do Império Romano.

Por isso, busca-se entender o Segundo Testamento dentro das dinâmicas patriarcais existentes no mundo greco-romano e as formas de resistência nesse contexto. O patriarcado romano era um sistema de dominação, ocupação e exploração dos recursos naturais e humanos de forma violenta e escravagista em níveis familiar, social e político (RICHTER REIMER, 2005, p. 69-70; 2006). Dentro do contexto da dominação romana, o patriarcado judeu era o sistema de um povo em busca de sobrevivência histórico-cultural. O cristianismo era um movimento dentro do judaísmo em busca da sobrevivência e manutenção/reconstrução de identidade e, como tal, tanto participa quanto resiste a esse patriarcado (RICHTER REIMER, 2005, p. 70-71; 2006).

Por isto é que insiste em diferenciar a percepção e análise da presença de mulheres nos textos bíblicos. Neles, elas aparecem como protagonistas, transgressoras, vítimas, oprimidas, silenciadas, resistentes, perseverantes, líderes, repressoras... Há que se construir, portanto, perspectivas e categorias analíticas que considerem as complexidades, contradições e ambiguidades existentes também nos textos bíblicos.

A pertença de mulheres ao movimento de Jesus dificilmente pode ser contestada, mas precisa ser compreendida a partir da caracterização do movimento de Jesus como carismático-itinerante, marcadamente profético-sapiencial. O movimento conquistou pessoas do estrato inferior empobrecido da sociedade, em que experiências carismáticas eram frequentes e em que se encontravam também muitas mulheres não casadas (STEGEMANN e STEGEMANN, 2004, p. 421-429). Encontravam-se, no movimento de Jesus, mulheres pobres que não se encaixavam nos padrões patriarcais: viúvas, divorciadas ou sozinhas, além de outras que abandonaram suas grandes famílias,

(2004), bem como em Leipoldt e Grundmann (1973).

⁴ Há várias informações a este respeito em Richter Reimer (1992), Pomeroy (1985) e Stegemann e Stegemann (2004).

juntamente com seus maridos, para seguir Jesus, como por exemplo, Priscila e Áquila (At 18; Rm 16,1ss).

Não se percebem informações de que essas mulheres se voltaram conscientemente contra a *práxis* judaica. Muitas delas eram oriundas do judaísmo e que, como muitas outras pessoas, tornaram-se adeptas do movimento de Jesus e da Igreja por crerem que Jesus era o Messias prometido. Destaca-se, aqui, que, no movimento de Jesus, não se preconizava o casamento, a procriação e a administração da casa para dele participar; ao contrário, dizia-se que as pessoas que seguiam a Jesus tudo largavam... Assim, muitas mulheres tornaram-se seguidoras e discípulas de Jesus, de forma independente e autônoma ou em conjunto com seu marido, crianças, famílias. Não era a condição social ou sexual e familiar um pressuposto para a adesão e seguimento, mas a fé e a disposição ao compromisso com o Reino de Deus, um contrassistema sociocultural e político-social. Contudo, traduções e a história interpretativa de muitas passagens que mencionam mulheres independentemente de homens (por exemplo, Lc 8,1-3; 10,38-42), atribuem-lhes funções domésticas e de subordinação a homens (SCHOTTROFF, 1995, p. 24; HORSLEY, 2001, p. 206; RICHTER REIMER, 2011).

A subtrama das mulheres no evangelho de Marcos

Em uma leitura pouco atenta do evangelho de Marcos, aparentemente, o padrão patriarcal é mantido, pois, até o final do capítulo 15, as mulheres são anônimas, sua presença entre os seguidores de Jesus é ocultada e algumas são retratadas apenas em espaços domésticos⁵ ou subordinadas a um homem (RICHTER REIMER, 2012; SCHOTTROFF, 1995; HORSLEY, 2001). Porém, visibilizando o papel conjunto das mulheres no texto, percebe-se que: 1) a maior parte dos personagens masculinos curados por Jesus também é anônima; 2) mulheres não assumem papéis tradicionais de esposa e mãe; 3) elas apresentam caracterizações positivas, sendo exemplos de seguimento por meio da fé, da perseverança no seguimento e da diaconia. Mostram-se, portanto, como mulheres livres, independentes e comprometidas com a *práxis* e a proposta libertadora de Jesus.

⁵ A sogra de Pedro, a filha de Jairo, a filha da mulher siro-fenícia, a mulher que unge Jesus são retratadas em casa.

A primeira cena na qual aparece uma mulher apresenta também a primeira cura de Jesus (Mc 1,29-31). A cura da sogra de Pedro é realizada por iniciativa de Jesus⁶, ao que ela corresponde imediatamente, levantando-se com a ajuda de Jesus e colocando-se na *praxis* da diaconia. A próxima menção de mulheres aparece na narrativa ‘biográfica’ de Jesus e sua família: a mãe e as irmãs dele junto com os irmãos (Mc 3,31ss.)⁷. Segue-se a cena dentro da primeira série de milagres: a cura da filha de Jairo com doze anos (Mc 5,21-24.35-43), intercalada com a cura da hemorroísa que sofria há doze anos (Mc 5,24b-34). Aqui, pode-se interpretar como sendo uma alusão a Israel, como pessoas que experimentam a restauração e a salvação. A primeira mulher/menina é subordinada ao pai e apresentada no ambiente doméstico, a segunda mulher toma a iniciativa de agir em prol da sua cura, que funciona por meio da *dynamis* curadora colocada em relação entre a mulher com hemorragia e Jesus. Na segunda série de milagres, há o exorcismo da filha da siro-fenícia (Mc 7,24-30), cuja mãe persuade Jesus por meio da sua força argumentativa, no debate, convencendo-o a curar sua filha. Antes dela, Jesus já havia curado um gentio... Significativo, aqui, é que após esse fervoroso debate e a ‘conversão’ de Jesus por meio dos argumentos sócio religiosos da mulher é narrada a segunda multiplicação dos pães e peixes, simbolicamente indicando para a missão de Jesus que inclui os povos da gentilidade.⁸

Na seção intermediária do evangelho, as mulheres não estão claramente presentes, mas dois ensinamentos as atingem diretamente: sobre o casamento e divórcio e liderança diaconal (Mc 10,1-12. 42-45). Esses ensinamentos resguardam a necessidade de sua existência em tempos em que a autoridade patriarcal se degenerava devido às fortes pressões econômicas e sociais, advindas também de movimentos de renovação como o de Jesus.

Na última parte do evangelho, as mulheres reaparecem. A viúva oferta toda a sua vida (Mc 12,41-44), dedicando ‘tudo o que tinha’, o que pode representar uma religiosidade abnegada como forma de transgressão à lógica de mercado romana (RICHTER REIMER, 2005, p. 110-113). Simultaneamente, ela pode ser interpretada como denúncia da exploração econômica existente no Templo. Essa cena prepara o

⁶ A respeito das diferentes abordagens e buscas por cura junto a Jesus, ver Richter Reimer (2008).

⁷ Acerca das discussões da compreensão desta passagem, ver Richter Reimer (2012a) e Soares, Correia Jr. e Oliva (2012).

⁸ Ver interpretações e discussões em Richter Reimer (2012a), Soares, Correia Jr. e Oliva (2012) e Tezza (2006).

discurso escatológico, em Mc 13, depois do qual temos a narrativa da mulher que unge Jesus. A unção pode ser um ato de homenagem (SCHOTTROFF, 1995, p. 63-64), transgressão pelo desperdício como boa ação (RICHTER REIMER, 2005, p. 114-120) ou um ato profético-sacerdotal que conferiu a Jesus *status* de messias (HORSLEY, 2001, p. 208; RICHTER REIMER, 2012a, p. 192-195). No final desta narrativa, quando, diante do perigo político e de vida, todos abandonaram Jesus, três⁹ mulheres, nominadas entre outras que seguiam a Jesus desde a Galileia, retornam ao local da morte, arriscando a vida, solidárias com Jesus, observando de longe o evento da cruz e do enterro. São elas também que por primeiro foram ao sepulcro para embalsamar o corpo de Jesus em homenagem ritual, demonstrando coragem naquele contexto de perigo. Elas são as primeiras testemunhas da ressurreição, são ‘apóstolas dos apóstolos’ (RICHTER REIMER, 2012a), tendo a honra e a responsabilidade de iniciar a nova fase da expansão do Reino de Deus, recomeçando na Galileia...

Os discípulos, as discípulas e a diaconia

Os personagens femininos do evangelho de Marcos são planos e sem recorrência. Sua função é contrapor-se ou ser a exceção aos personagens tipificados, no caso os discípulos (RHOADS, DEWEY e MICHIE, 1999, p. 129-133). Aqui interessa a subtrama com os discípulos, também por incluir o conceito de seguimento. Ela é marcada por alternar o sucesso e a falha dos Doze em (não) ter fé em Jesus. Os discípulos são aliados de Jesus, porém buscam glória e poder (Mc 10,35ss.). Inicialmente, são fiéis e abandonam tudo para segui-lo, mas crises expressas na ‘falta de fé’ ou ‘pouca fé’ e na falta de entendimento aparecem já na série de histórias no mar e nas multiplicações de alimentos (Mc 6,45-52). Na jornada para Jerusalém, acertam ao perceber Jesus como Messias e erram ao recusar suas profecias, chegam a ter comportamento opressivo com outros que tentavam seguir a Jesus (Mc 9,31-40; 10,13-16). Apesar das predições da Paixão, eles continuam a segui-lo. Assim, parece-nos que, na primeira parte do evangelho Marcos, os atos de poder de Jesus podem ter criado nos

⁹ Para Luise Schottroff (1995, p. 49 e 50) são quatro mulheres: Maria Madalena, Maria de Tiago o menor, Maria a mãe de José e Salomé. Ela acredita que são duas mulheres nomeadas de Maria nessa lista. Sendo que duas dentre as quatro acompanharam o enterro. Ivoni Richter Reimer (2012a) apresenta os perigos que o contexto de uma crucificação apresenta para familiares e amigos(as).

discípulos expectativas com relação à implantação do Reino, que é a causa do seu não entendimento, as quais são corrigidas na seção intermediária com ensinamentos de Jesus. Ainda assim, o conflito termina com a traição, a fuga e a negação de Jesus por parte dos discípulos homens.

Ao lado do conflito com os Doze, cujas cenas revelam suas falhas, é colocada a trama das mulheres, que apresenta paradigmas de fé, persistência, diaconia e dedicação, culminando com sua presença nas cenas da cruz, da ressurreição e do recomeço em Galileia. Em Mc 15,40-41, pela primeira vez, visibiliza-se e verbaliza-se a presença, o seguimento e a diaconia das mulheres, mencionando inclusive seus nomes; é a partir desse ‘desvelamento’ que o(a) leitor(a) é obrigado(a) a reler toda a narrativa, incluindo mulheres entre os seguidores de Jesus desde a Galileia e pensando em seu papel no movimento: “o seguiam, e o serviam, enquanto esteve na Galileia” (Mc 15,41). Torna-se necessário, então, ler e compreender o evangelho ‘de trás para frente’ e perceber, em todo o ministério de Jesus, a presença e participação das mulheres (SCHOTTROFF, 1995; RICHTER REIMER, 2012a). Na primeira parte do evangelho, fé e cura parecem trazer e inserir mulheres no movimento de Jesus. Na parte intermediária, o ensino de Jesus visa a oferecer maturidade e sustentação para o seguimento, gerando novas crises e perseveranças. Na terceira parte, reflete-se um padrão de lealdade: a demonstração de fé se reflete no próprio seguimento e na diaconia. Os discípulos-homens são então personagens de identificação, enquanto que as discípulas-mulheres são os personagens-modelo neste evangelho.

Entre os discípulos-homens e as discípulas-mulheres, entre essas duas linhas, junto com as ações e discursos de Jesus, desenvolve-se a concepção da ética da diaconia como o sentido e a característica do discipulado e do seguimento. Aqui, percebe-se que somente as mulheres e anjos servem. Os anjos primeiro (Mc 1,13), e, em seguida, a sogra de Pedro. Aparentemente e de acordo com as interpretações fundamentalistas patriarcais, ela apenas estaria cumprindo seu papel de mulher, no âmbito da casa, mas, na perspectiva conjunta do texto e considerando que é a primeira cura, a atitude-resposta é simbólica. O ambiente íntimo da casa indica para a diaconia mútua e pessoal como padrão para quem está sob o governo de Deus: a diaconia de Jesus realizada na cura é (cor)respondida pela diaconia da sogra de Pedro. Verifica-se a sucessão em três passos: anjos servem, Jesus serve, uma mulher serve. O padrão da diaconia é

apresentado nessa cena e desenvolvido nas cenas de cura e exorcismos e no ensino de Jesus (RICHTER REIMER, 2012a). Seguir a Jesus, negando as tessituras do poder estabelecido, era a condição para a salvação, sendo que o seguimento requer fé, ousadia e perseverança e implica serviço-diaconia. Várias são as palavras de Jesus acerca da diaconia como característica central de seu seguimento: “Se alguém quiser ser o primeiro, seja o último de todos e o servo [diácono(a)] de todos” (Mc 9,35); “Muitos primeiros serão últimos, e os últimos serão os primeiros” (Mc 10,31); “aquele que dentre vós quiser ser grande, será vosso servidor [diácono(a)]; e aquele que quiser ser o primeiro dentre vós, seja servo [diácono(a)] de todos. Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir” (Mc 10,43-45). Jesus aborda três vezes a questão do que é prioridade com o recurso da oposição ‘primeiro/último’, apresentando o modelo da diaconia como *práxis* sua a ser imitada por aqueles e aquelas que o seguem. Essa diaconia era uma atividade circunscrita dentro do contexto escravagista romano e era realizada por quem estava por baixo da hierarquia (SCHOTTROFF, 1995, p. 55), os considerados ‘últimos’. Feito de forma pessoal e comunitária, tornou-se uma estratégia de sobrevivência da identidade frente à violência romana (RICHTER REIMER, 2012a).

Apesar de não haver evidência explícita de movimento emancipatório, a estratégia literária de Marcos é subversiva: apresenta as mulheres, sem marido, para representar esse nível baixo na hierarquia, ao qual Jesus se iguala no exercício da vocação para o serviço-diaconia. Marcos espera, para revelar a presença das mulheres dentro do grupo, até o momento em que o verdadeiro sentido do discipulado e seguimento, que já vinha sendo construído de forma estereotipada nas mulheres, pudesse ser plenamente entendido. E isso só acontece diante da cruz (MALBON, 2000, p. 59-60). O padrão do seguimento vinculado à diaconia é finalmente reconhecido e demonstrado pelas mulheres, consideradas como ‘últimas’ na escala social, nas cenas da crucificação, da ressurreição e do recomeço, em que elas passam a ser as primeiras testemunhas da ressurreição. São incumbidas de anunciar a novidade e de se colocar a caminho para a Galileia, refazendo a caminhada...

Conclusão

Ao longo da narrativa do evangelho de Marcos, Jesus aparece curando e restaurando a dignidade da vida de mulheres, transmitindo-lhes ensinamentos acerca de relações familiares, étnicas, econômicas e sociais. Inseridas no seguimento, discipulado, ensino e *práxis* transformada e transformadora, elas são retiradas de um contexto de doença, opressão e exclusão. Com isso, acontece uma profunda ressignificação de suas vidas e do sentido de viver, expresso também na função comunitário-social que se apresentava como resistência ao modelo padrão androcêntrico e patriquiarcal: elas tornaram-se líderes junto com Jesus!

REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 5. impr. São Paulo: Paulus, 2002.

HORSLEY, Richard. *Hearing the whole story: the politics of plot in Mark's Gospel*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2001.

KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento: história e literatura do cristianismo primitivo*. Tradução de Euclides L. Calloni. São Paulo: Paulus, 2005.

LEIPOLDT, Johannes; GRUNDMANN, Walter. *El mundo del Nuevo Testamento*. V. I: Estudio Historico-cultural. Tradução de Luis Gil. Madrid: Ed. Cristiandad, 1973.

MALBON, Elizabeth Struders. *In the company of Jesus: characters in Mark's gospel*. Louisville: Westminsters John Knox Press, 2000.

POMEROY, Sarah B. *Frauenleben im klassischen Altertum*. Stuttgart, 1985. (Kröners Taschenausgabe, v. 461).

RICHTER REIMER, Ivoni. *Compaixão, cruz e esperança: teologia de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 2012a.

RICHTER REIMER, Ivoni. Textos do Novo Testamento como Fonte para Estudos da História. In: MARCHINI NETO, Dirceu; NASCIMENTO, Renata C.de S. (Orgs.). *A Idade Média: entre a História e a Historiografia*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2012b. p. 235-252.

RICHTER REIMER, Ivoni. Marta e Maria: cozinha, seara e dragões?! Discípulas de Jesus, interpretações e releituras. In: PERETTI, Clélia (Org.). *Filosofia do gênero em face da Teologia: espelho do passado e do presente em perspectiva do amanhã*. Curitiba: Champagnat Editora; PUC PR, 2011. p. 223-250.

RICHTER REIMER, Ivoni. *Milagre das mãos: curas e exorcismos de Jesus em seu contexto histórico-cultural*. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: Ed. da UCG, 2008.

RICHTER REIMER, Ivoni. Patriarcado e economia política: o jeito romano de organizar a casa. In: _____ (Org.). *Economia no mundo bíblico*; enfoques sociais, históricos e teológicos. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2006. p. 72-97.

RICHTER REIMER, Ivoni. *Grava-me como selo sobre teu coração: teologia bíblica feminista*. São Paulo: Paulinas, 2005.

RICHTER REIMER, Ivoni. *Frauen in der Apostelgeschichte des Lukas: eine feministisch-theologische Exegese*. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus Gerd Mohn, 1992. [versão também traduzida para o inglês]

RHOADS, David; DEWEY, Joanna; MICHIE, Donald. *Mark as Story: an Introduction to the Narrative of a Gospel*. 2. ed. Minneapolis: Fortress Press, 1999.

SCHOTTROFF, Luise. *Mulheres no Novo Testamento: exegese numa perspectiva feminista*. Tradução de Ivoni Richter Reimer. São Paulo: Paulinas, 1995.

SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Caminhos da Sabedoria: uma introdução à interpretação bíblica feminista*. Tradução de Monika Ottermann. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2009.

SOARES, Sebastião A.G.; CORREIA Jr., João Luiz; OLIVA, José R. *Evangelho de Marcos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

STEGEMANN, Ekkhard W.; STEGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo: os primórdios do judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. Tradução de Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

TEZZA, Maristela. *Memórias de mulheres, conflitos adormecidos*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2006.

Artigo recebido em Novembro de 2012

Artigo aceito para publicação em Novembro de 2012